

# Relações de trabalho e sociabilidade feminina em Rio Claro do Sul

## *Work relations and female sociability in Rio Claro do Sul*

*Jayne Maria Witchemichen*

Graduanda do terceiro ano de História na Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, campus Irati.

E-mail: [jayne\\_wt@yahoo.com.br](mailto:jayne_wt@yahoo.com.br)

---

**Resumo:** A presente pesquisa está vinculada à pesquisa “Memória e Sociedade: Um estudo em torno da colonização de Rio Claro do Sul”. Entretanto, o trabalho em evidência destacou as relações de gênero, analisando-se as relações de sociabilidade e de trabalho doméstico, com moradoras do distrito de Rio Claro do Sul, em Mallet-PR. O processo da coleta de dados se deu a partir da história oral, tendo como a principal fonte a memória dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Rio Claro do Sul. Relações de gênero. Relações de trabalho. História oral.

**Abstract:** The present research is linked to the research "Memory and Society: A study around the colonization of Rio Claro do Sul". However, the work in evidence highlighted the gender relations, analyzing the relations of sociability and domestic work with residents of the district of Rio Claro do Sul, in Mallet-PR. The process of data collection was based on oral history, having as the main source the memory of these women.

**Keywords:** Rio Claro do Sul. Gender relations. Work relationships. Oral history.

---

### *1 Gênero e relações sociais*

Este artigo está vinculado à outra pesquisa desenvolvida, buscando-se analisar aspectos culturais no distrito Rio Claro do Sul<sup>1</sup>, atualmente pertencente ao município de Mallet, na porção meridional do Paraná. Essa pesquisa intitula-se “Memória e Sociedade: Um estudo em torno da colonização de Rio Claro do Sul”, na qual se analisou a sociedade, tratando de fatores culturais ligados à etnia eslava que manifestam. O presente estudo analisou as relações de gênero, presentes no trabalho e na sociabilidade feminina<sup>2</sup> na colônia, levando em conta a esfera pública e privada e os papéis desempenhados por ambos os sexos.

É comum e evidente a diversidade de papéis sexuais nas sociedades, não sendo diferente em Rio Claro. “Se em toda realidade social ocorre a construção dos gêneros, significa que não existe uma sociedade no tempo e no espaço que esteja isenta da necessidade dessa discussão” (LOURENÇO, 2017, p. 37); entendemos que essa separação faz parte de uma construção social, pois o sexo limita-se ao biológico. A

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, será utilizado também o termo Colônia, ou simplesmente Rio Claro, para definir esse espaço.

<sup>2</sup> O termo “sociabilidade feminina”, neste trabalho, representa a inserção da mulher na esfera pública, trabalhando com questões que remetam ao ambiente doméstico também.

historiadora Joan Scott, ao conceituar gênero, nos apresenta que a definição do termo surge pela “necessidade de desconstrução da oposição binária entre os sexos, numa tentativa de abrir possibilidades de compreensão e inclusão de diferentes formas de ‘masculinidades’ e ‘feminilidades’ [...]” (SCOTT, 1989, p. 89). Na mesma obra, Scott defende que gênero é uma categoria de análise histórica. Desse modo, não há sociedade humana sem relações de gênero, e como pontuou Lourenço (2017), todas as relações humanas são marcadas por essas relações.

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”. (SCOTT, 1989, p. 7).

O gênero, como elemento construtivo de relações sociais, dá significado às relações de poder. Isso explica o fato ideológico da subordinação e como reflete em cada cultura. A posição na qual a mulher se encontra, geralmente, é inferior à do homem em praticamente todas as sociedades existentes.

Somos herdeiros de uma tradição sociológica que trata a mulher como essencialmente desinteressante e irrelevante, aceitando como necessário, natural e profundamente problemático o fato de que, em toda cultura humana, a mulher de alguma forma é subordinada ao homem. (ROSALDO, 1979, p. 33).

A subordinação feminina é explicada por diversos autores, feministas ou não, e uma das abordagens está ligada ao determinismo biológico, discutido pela autora Sherry Ortner. A autora busca explicar que a subordinação se dá por fatores ligados ao biológico que remete, principalmente, à maternidade. Nesse caso, a mulher é relacionada com a natureza, pois gera a vida, e o homem é ligado à cultura, pois, como não pode dar à luz, dedica-se a buscar o sustento fora, deixando as atividades domésticas por conta da mulher. “[...] as mulheres são identificadas ou simbolicamente associadas com a natureza, em oposição aos homens que são identificados com a cultura” (ORTNER, 1979, p. 101).

A situação fisiológica feminina é um dos principais fatores que explicam a subordinação e o papel secundário assumido pelas mulheres. Há uma ideia muito forte nas culturas de que a procriação exige muito da dedicação materna, portanto, o ambiente doméstico deve ficar ao seu encargo. A noção que predomina é que a maternidade é algo limitador. Logo, a mulher deve dedicar-se ao cuidado da casa e dos filhos, colocando-se à mercê do homem, que busca o sustento da casa fora desta, ocupando o espaço público. Isso reflete em diversas posições sociais, em que o homem culturalmente as ocupa. (ORTNER, 1979).

O corpo feminino, a maior parte da vida, está relacionado a processos naturais. Esse fator condena a mulher à reprodução. Já o homem, na ausência desses processos, dedica sua criatividade em símbolos e tecnologia. As atividades masculinas ligadas à destruição, como a caça, também são culturalmente mais valorizadas. “Não é dando a vida, mas arriscando-a que o homem é elevado acima do animal: isto é, porque a

superioridade da humanidade não é devida ao sexo que gera, porém ao que mata” (ORTNER, 1979, p. 105).

Ortner (1979) tenta mostrar a natureza altamente persuasiva de lógica, pois, se não fosse persuasiva, as pessoas não permaneceriam de acordo com ela por tanto tempo. Um dos problemas propostos é que, geralmente, a mulher assume um papel secundário na sociedade, o que acaba refletindo nas atividades desempenhadas. Mesmo que estas sejam semelhantes àquelas desempenhadas pelos homens, a desvalorização desses papéis, desempenhados pelo público feminino, é a ideia predominante.

No que se refere aos papéis desempenhados pelas mulheres, Rosaldo (1979, p. 22) afirma que suas atividades podem ser importantes, porém, o status principal sempre será concedido às atividades desempenhadas pelo homem. A mulher carece de um poder conhecido e valorizado culturalmente. Ortner (1979) também expõe essa desvalorização dos papéis femininos, que são sempre reconhecidos com menos prestígio que os masculinos.

Será mesmo que esse argumento é suficiente para explicar tal subordinação? Entende-se que todas essas colocações estão ligadas à construção social que cada cultura desempenha. Todo sistema é uma construção da cultura, e não um fato da natureza. A mulher não está mais ou menos distante da natureza que o homem, ambos estão em um mesmo patamar. Tanto os homens quanto as mulheres podem e devem ser envolvidos igualmente em projetos de criatividade e transcendência. (ORTNER, 1979, p. 118).

Nesta análise, perceberemos a distinção de papéis sexualmente divididos em Rio Claro do Sul, bem como o valor de cada papel desempenhado, e como o poder é legitimado culturalmente. Embora cada cultura tenha suas especificidades e reminiscências, a subordinação feminina é praticamente universal.

O intuito da pesquisa foi compreender, a partir de relatos orais, as relações de trabalho e sociabilidade feminina no distrito de Rio Claro do Sul, levando em conta a separação dos sexos para a realização das atividades e analisar a produção bibliográfica acerca das relações de gênero, enquadrando esse discurso nessa colônia.

## *2 A memória como fonte*

A bibliografia específica utilizada neste trabalho propôs a definição de gênero, a diversidade sexual de papéis exercidos em diversas sociedades e explicações que tentam justificar a dominação masculina, mas, de modo crítico, por se tratar de autoras historiadora/antropóloga/socióloga feministas. Esse processo se deu a partir da memória das moradoras, sendo realizadas entrevistas orais com três mulheres que contribuíram amplamente com a pesquisa.

A memória foi selecionada como fonte, porque os relatos escritos sobre Rio Claro são dispersos. Segundo Paul Ricoeur, a memória é a única guardiã de algo que realmente ocorreu no tempo. (RICOEUR, 2007). Embora o conceito de memória seja árduo, por cruzarem a lembrança e o esquecimento e por serem objetos de dúvidas e suspeitas, a prática da história oral continua rica, no quesito de resgate da história

local. A memória de um morador pode enquadrar-se na memória de muitos outros, e, desse modo, compreende-se o funcionamento de uma sociedade.

Como pontuou Pollak, apresentando a visão de memória de Halbwachs, que discorre sobre a memória coletiva, há uma problemática na revisão autocrítica do passado. Notou-se um certo desconforto na narrativa das entrevistadas, talvez por sua autoconsciência da subordinação. Houve uma dificuldade de integrar suas lembranças na memória. Porém, esse procedimento é comum ao trabalhar-se com a memória, pois, direta ou indiretamente, ela definirá e reforçará sentimentos diversos, como o de pertencimento a grupos sociais ou, nesse caso, o sentimento de uma vida dependente. (POLLAK, 1989).

Entendendo que a memória faz ligação com relações sociais, percebe-se a importância de trabalhar com a história oral nessa comunidade, pois esta é uma fonte viva. E a partir dela, compreendemos o funcionamento das relações sociais existentes e podemos, assim, fazer o questionamento acerca de gênero.

Como historiadores, devemos construir o passado a partir do que o presente tem necessidade. No caso da discussão de gênero, a importância se intensifica porque coloca em questão relações sociais, com diversas problemáticas envolvendo violência física e moral. Portanto, devemos, cada vez mais, trazer esses questionamentos à tona a fim de buscar uma sociedade mais justa e igualitária, mostrando que gênero não define nenhum papel e que tudo isso faz parte meramente de uma representação cultural.

### *3 Reconstituindo a memória*

As entrevistadas relatam que casaram cedo. Margarida<sup>3</sup> (91)<sup>4</sup> descreve que as atividades realizadas iam da esfera doméstica à esfera rural, de onde advinha o sustento da casa. Também trabalhava na lavoura, ajudando seu marido, que também desempenhava um papel importante na organização do lar. Usando o termo ajuda, percebemos que ela se coloca em papel secundário na execução da atividade. “A domesticidade, atribuída às mulheres encerradas na esfera privada, vinha acompanhada de virtudes como piedade, pureza e submissão”. (PEDRO, 2000, p. 34). Ao ser questionada sobre o papel do marido em casa, ela relata que ele ajudava em algumas tarefas. “Ajudava a trazer lenha”<sup>5</sup>. Sobre o ambiente externo da casa, cabia ainda à mulher realizar o cultivo. Cuidava do jardim e do quintal, cultivando os alimentos principais da dieta alimentar. As filhas mulheres ajudavam a mãe e os filhos homens, depois de certa idade, auxiliavam o pai nas atividades referentes à lavoura. Ou seja, o ambiente doméstico ficava a cargo da mulher e o ambiente externo sob responsabilidade do homem. “A esfera privada tem sido pensada como o lugar das

---

<sup>3</sup> Foram usados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das entrevistadas. Serão utilizados nomes de flores, porém, de modo nenhum tentando vincular ou enquadrar a mulher como “delicada” ou, ainda mais, mostrando que o jardim representa uma das atividades destinadas ao público feminino.

<sup>4</sup> O número em questão refere-se à idade da depoente no ato da entrevista.

<sup>5</sup> Margarida. Entrevista concedida a Jayne Maria Witchemichen em 15/06/2017.

mulheres, mais especialmente a esfera íntima familiar; e a esfera pública, desenhada como o lugar dos homens, aí incluído o setor público”. (PEDRO, 2000, p. 33).

Rosa (92) também explica a divisão dos papéis por sexo, porém com maior percepção da separação. Ao ser questionada sobre o marido no lar, ela diz que ele não a ajudava, porque “não tinha tempo”<sup>6</sup>, e também a área externa da casa ficava a cargo da mulher, porque “ele não gostava de lidar no quintal”<sup>7</sup>. Em ambas as entrevistas descritas, as mulheres dizem que não trabalharam fora porque não tinha onde, e não por questões de proibição ou de abundante trabalho doméstico. Rio Claro ainda era um vilarejo em construção e, desse modo, os poucos comércios que existiam eram administrados pelos proprietários. Sendo assim, o recurso de ganho vinha da lavoura.

No discurso de Margarida, percebe-se uma seletividade quanto à realização de tarefas e um menosprezo pela própria atividade desempenhada. Como discorre Ortner (1979), a consciência feminina é evidenciada pelo fato dela aceitar sua própria desvalorização. Nota-se que ela não se coloca no papel mais importante desempenhado na lavoura, mas posiciona-se como ajudante, mesmo que fique claro que o trabalho era o mesmo. Na esfera doméstica, seu papel era importante quanto à organização do lar, porém não reconhecido. A ideia é de que ela estaria fazendo seu papel como mãe e mulher. Logo, o trabalho masculino tinha um alto teor de importância, ligado à questão do sustento. Como bem pontuou Rosaldo (1979, p. 35), ao discorrer sobre o ponto de vista de Margareth Mead,

qualquer que seja a organização relacionada à origem ou à posse da propriedade e mesmo se essas organizações aparentemente formais sejam reflexos das relações conflituosas entre os sexos, os valores de prestígio estão sempre ligados as atividades do homem.

A entrevistada Flora apresentou maior criticidade quanto à separação dos papéis por sexo. Ela afirma que em sua casa essa separação não havia. O trabalho era dividido pelo fato de ter dois filhos com pouca diferença de idade e, assim, dava conta sozinha e necessitava do auxílio do marido. Flora também se lembra de sua criação e em como isso remeteu à maneira como ela criou seus filhos também. Relata que os filhos, mesmo meninos, auxiliavam nas atividades domésticas.

Rosa expõe, em sua narrativa, a esfera pública em que participava: festividades religiosas na Igreja Nossa Senhora do Rosário em Rio Claro. Nessa perspectiva, conta sobre a divisão dos trabalhos para a realização da festa. Ela relata que ajudava nas atividades referentes à cozinha. Ao ser indagada sobre o papel do seu marido nas festas, ela afirma que “os homens ficavam no botequim”<sup>8</sup>, cuidando da entrega de bebidas durante as festividades. Nota-se que, mesmo num campo público, as atividades que realizam se ligam àquelas que estão habituadas em casa.

Na entrevista com Rosa, sua filha Jasmine estava presente. Ela conta que sempre morou com a mãe, mesmo depois de casada. Seu marido é caminhoneiro e, portanto, não desempenha nenhuma atividade em casa. Jasmine relata que ela e a mãe

<sup>6</sup> Rosa. Entrevista concedida a Jayne Maria Witchemichen em 15/06/2017.

<sup>7</sup> Rosa. Entrevista concedida a Jayne Maria Witchemichen em 15/06/2017.

<sup>8</sup> Rosa. Entrevista concedida a Jayne Maria Witchemichen em 15/06/2017.

sempre se ajudaram, em todas as atividades, especialmente quando o marido de Rosa faleceu.

Percebe-se que, referindo-se ao tempo passado, há pelo menos cinco décadas, as atividades eram limitadas, sobretudo, pela escassez de outras a serem desempenhadas. Embora seja visível a separação de papéis, deve ser levada em conta também a situação da colônia na época. É perceptível, também, que o homem não desempenhava o papel que cabia à mulher, como cuidar do lar ou das áreas externas. Porém, a mulher realizava as mesmas atividades, na esfera rural. Isso se reflete na esfera pública do mesmo modo.

Por mais que trabalhem e recebam salários, atuando no mercado ou no setor público, considera-se que as mulheres mais ajudam que trabalham. Mulheres fisicamente exaustas são visualizadas como se não estivessem trabalhando ou, então, que aquilo que fazem é “trabalho leve”. (PEDRO, 2000, p. 36).

O discurso de Flora pode se diferenciar do das demais pelo fato de ter menos idade que as outras, vendo o desenvolvimento da comunidade de modo diferente. Também, pelo fato de ocupar uma posição pública, pois era professora do Colégio em Rio Claro. Strey, Verza e Romani (2015, s.p.), ao citarem Mary Del Priore, dizem que o século XXI seria o século das mulheres.

Del Priore mostra que as mulheres, agora, estão em tudo e em todos os lugares, derrubando antigos costumes e até mesmo tabus persistentes. Essas mudanças e transformações foram possíveis, entre outros aspectos, devido à tecnologia e à educação.

Flora apresenta diversas perspectivas não abordadas pelas outras entrevistadas e sentiu-se mais à vontade para discorrer sobre tais processos. Ela também expõe seu ponto de vista a respeito da Lei Maria da Penha. Diz que é muito favorável e que as coisas se modificaram muito depois da instauração da mesma. Flora também critica a divisão de papéis em atividades, porque a mulher sempre saía prejudicada, pois, além de trabalhar o dia todo na lavoura, as atividades domésticas ainda lhe cabiam, enquanto o homem aproveitava para descansar porque o dia foi pesado.

Porém, Flora se contradiz de certo modo ao analisar a presença jovem nos aspectos públicos da colônia. Apresenta uma indignação quanto a jovens de 14/15 anos que saem em ambientes públicos sem a presença dos pais, para se divertirem. Ela diz que houve muitas mudanças comparando com a criação que ela teve. Percebe-se a dificuldade que ela tem de relacionar-se com essas mudanças e com a realidade. Flora também aponta que a responsabilidade de educar vem do ambiente doméstico, sendo assim, o Conselho Tutelar não deve tentar impor-se, porque quem sustenta esses jovens são os pais. Nesse contexto, faz uma crítica ao Estatuto da Criança e do Adolescente, apontando que as leis tornaram as crianças e os jovens menos ativos e que estes não colaboram mais com atividades domésticas.

A partir das narrativas apresentadas, nota-se que, em Rio Claro, as atividades não eram necessariamente separadas, mas percebe-se que o homem não desempenhava atividades instauradas socialmente à mulher. Porém, ela

desempenhava tais atividades relacionadas a ele. “As atividades econômicas femininas são realmente variadas” (ROSALDO, 1979, p. 51), porém, ela refere-se a isso como ajuda, o que estabelece que a maior importância do trabalho vem da força e astúcia masculina. Esse poder vem sendo legitimado culturalmente desde muito tempo. E como bem propôs Rosaldo (1979) em sua conclusão, se a esfera doméstica se limitar somente à mulher, as sociedades femininas, mesmo que poderosas, nunca serão equivalentes às dos homens e a desigualdade de gênero perdurará. (ROSALDO, 1979, p. 60).

#### *4 Considerações finais*

A discussão acerca de gênero e, nesse caso, da separação de papéis por sexo se intensifica a partir da necessidade do diálogo sobre a equidade de gênero. A partir da metade do século XX, as discussões feministas ganham campo, porém há um longo caminho, que vemos ainda hoje ser muito criticado, especialmente pelas sociedades em que a cultura machista é dominante.

Embora esses papéis não tenham sido tão marcantes em Rio Claro, não ficando tão explícitos, percebe-se que houve de fato. Nota-se pelo modo como as próprias entrevistadas narram isso, colocando-se em uma posição inferior, muitas vezes conscientemente. Como mencionado, a mulher desempenhava tarefas que se encaixavam como masculinas, pelos próprios integrantes, colocando-se numa posição secundária, oferecendo ajuda, mesmo que o peso do seu trabalho se sobreposse ao dele. O homem não interferia nas atividades enquadradas como femininas, tais como o cuidado do lar e dos filhos. O fato de trabalharem o dia todo fora lhes dava a justificativa de que não deveria participar do trabalho doméstico, mesmo usufruindo deste tanto quanto sua esposa. “A mulher pode ser importante, poderosa e influente, mas parece que em relação ao homem de sua idade e de seu status social, a mulher em todo lugar carece de poder reconhecido e valorizado culturalmente”. (ROSALDO, 1979, p. 33).

Muitas vezes, há consciência da igualdade dos papéis, como no caso de Flora. Nesse caso, perante a sociedade, é visto de forma diferente, pois tal atividade é enquadrada como feminina. Porém, em alguns pontos, o machismo continua explícito, pois está de forma tão persuasiva presente na cultura que certas atitudes acabam passando sem se notar o alto teor da dominação masculina.

Em muitas atividades, a partir das narrativas, percebe-se que a mulher acabava fazendo muito mais força física do que o homem, pois além da “ajuda” na lavoura, ou em ambientes externos em geral, ainda lhe cabia o trabalho doméstico. Esse fator representa que a força não é um fator ligado ao sexo, mas uma construção social a qual coloca a mulher como frágil.

Portanto, com base nessa pesquisa, a tese das autoras utilizadas se reafirma. A importância dos papéis masculinos ainda se sobrepõe às atividades realizadas por mulheres, e essa construção social permeia desde muito e para muito tempo, em cada cultura. Esses relatos mostraram que nessa comunidade também houve a distinção de papéis por sexo e um certo prevalecimento nas atividades femininas. Isso prova que, ao contrário do que os ditos populares dizem, a mulher não é um sexo frágil, mas sim,

um sexo tão capaz quanto o outro de realizar as mesmas atividades, pois não se define a fraqueza ou a força de alguém pelo sexo, isso é uma construção da cultura, e não biológica.

### *Referências*

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para cultura? In: \_\_\_\_\_. *A mulher a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

LOURENÇO, Alexandra. A contribuição da discussão a respeito de gênero no ensino de História. In: \_\_\_\_\_. *Ensino de História e debates contemporâneos*. Guarapuava: Unicentro, 2017.

PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. *Diálogos*, Maringá, v. 4, p.33-39, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro vol.2 nº3, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher a cultura e a sociedade: Uma revisão teórica. In: \_\_\_\_\_. *A mulher a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Nova York, Columbia University Press, 1989.

STREY, Marlene Neves; VERZA, Fabiana; ROMANI, Patrícia Fasolo (orgs). *Gênero, cultura e família: perspectivas multidisciplinares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.